

Da gula alimentar à tecnológica: reflexões necessárias.

Francisco José Figueiredo Coelho

Maria de Lourdes da Silva

Georgianna da Silva

Grupo de Pesquisa Educação e Drogas - GPED/UERJ

Comer é uma ação fundamental para a sobrevivência humana. O cheiro, o sabor, a cor e a textura do que comemos mexe com vários órgãos do sentido. O comer oferece prazer e o esbaldar-se com comida se torna um verdadeiro deleite, como referenciado em plurais passagens bíblicas. Seja na parábola do filho pródigo ou nas profecias de Isaías sobre o fim do mundo, abater um cabrito ou um novilho mencionam o comer como fruto de uma vitória, referendando o banquete como um ato de celebração.

Para além dessas representações religiosas, o **banquete é uma utopia universal**, pois ele materializa o momento em que o ser humano, nutrido e saciado da fome, abstrai, graceja. O simpósio da Antiguidade Clássica (momento subsequente ao banquete, quando as pessoas conversam à mesa) se caracteriza pela “ligação entre a palavra e o banquete” (BAKHTIN, M, 1987, p. 248). A abundância toma sentido de projeção de um futuro desejável. Libertado momentaneamente do labor, o ser humano investe na conversação, símbolo da interação social e da produção de cultura. O banquete transforma o ato biológico de comer em acontecimento social. Ele é coletivo, gregário, festivo, libertador. A capacidade sonhar e ter esperança são potencializados na ausência da fome, na subjugação da natureza, na

superação da morte culminada no ato de devorar o mundo conquistado e vencido. Esses significados profanos da comensalidade abundante também fizeram parte do universo da Igreja medieval, que considerava sagrado o direito à recreação e ao banquete. Essa imagem universal da partilha comunitária do resultado do trabalho realizado em conjunto foi, na Era Moderna, transposta à vida privada e aos indivíduos, onde a abundância se consubstanciou em exagero, usurpação e egoísmo.

Entre o comer e o esbaldar-se há uma linha tênue. O esbaldar-se está ancorado no excesso, qualidade permanente da gula. Esta, foi bem descrita no livro *Origens sagradas de coisas profundas*, escrito pelo monge grego Evagrius Ponticus (345-399), adepto do ascetismo, doutrina filosófica marcada pela abstinência aos prazeres mundanos a fim de disciplinar o corpo e a mente. Nessa obra, a gula, bem como a avareza, a ira e outras ações humanas, são vistas como ações pecaminosas que, no ano de 590, passaram a ser reconhecidas pelo Papa Gregório (540-604) como pecados capitais (do latim *caput* – parte superior, chefe, cabeça, líder).

Na tradição cristã, a gula teria sido o primeiro pecado capital. A partir dela o homem se alimentou do fruto proibido, culminando em oposição ao que foi ordenado por Deus. Se num primeiro momento, a ação de comer estava atrelada ao prazer e a necessidade de sobrevivência, o “esbaldar-se em comida” – enquanto ação excessiva, individual e princípio de diferenciação e excludência – adquiriu um contorno pecaminoso e passível de punição. A partir dessa relação com o excesso, surge a imagem do **glutão**, aquele que cultua a gula. Orientado pelo princípio da acumulação como fator de distinção, mas uma distinção ociosa e parasitária, a glotonaria abandona a aura do triunfo coletivo pelo individual, centrado no prazer em comer em excesso,

desacompanhado do simpósio entre os comensais – não que o banquete desapareça, ele apenas é sobrepujado pelas forças do individualismo da **sociedade do consumo**. Nesse caso, o prazer não está no ato de comer em si, mas no deleite do consumo do alimento, que aumenta à medida que o indivíduo se esbalda.

Figura 1 – Pecado da gula, retratado por Hieronymus Bosch (1450 – 1516 d.c)



Fonte: <https://tinyurl.com/2ya8wjen>

A chegada das especiarias à Europa maximizou o prazer à mesa. A popularização da pimenta-do-reino, cravo-da-Índia e do açúcar, por exemplo, realçando sabores e aromas, agrega valores ao alimento e nutre “corpo e alma”. Com o tempo, o ato de comer e se alimentar em excesso começam a ser contestados. Especificamente no século XVII, a ideia da gula passa a ser vista como algo desnecessário. Em outras palavras, o ato de comer passa a ser visto de forma mais equilibrada, com “bons modos” e regras. Boa parte dos manuais pedagógicos da época tratavam da educação à mesa – mesma época da popularização dos utensílios individuais, sobretudo o garfo, nas cortes europeias.

Esse comportamento moderado à mesa passa a ser visto como algo mais refinado e - embora esta mudança não implique necessariamente em alterações no corpo – a gordura é sinal de fartura, se

convertendo em status de poder, como retratado nas pinturas de Sandro Botticelli, que retratavam figuras gordas e com corpo abundante. Mais tarde, no século XIX, a concentração populacional nas cidades, aliada às novas formas de lutas por direitos entre as classes mais pobres, assim como o esvaziamento do campo trouxeram a urgência de repensar formas de distribuição dos alimentos. Entra em cena a indústria dos alimentos com suas conservas e enlatadas – uma grande invenção para o prolongamento da vida útil dos alimentos e diminuição do desperdício. Também o refino dos grãos – espécie de assepsia que livrava-os das cascas e impurezas – levava às classes abastadas alimentos mais “limpos e puros”. Foi apenas do decorrer do século XX que se percebeu os perigos das técnicas de refino e conserva. Somente a partir de meados do século XX, a preocupação deixou de ser apenas comer e passou a ser comer bem, com qualidade e sem excessos. Isso nos fornece subsídios para compreender como a gordura passa a se tornar um quadro indesejado e, por vezes, associado a sintomas de doenças. O corpo magro, esbelto, passa, portanto, a ser um padrão de vitalidade, beleza e autocontrole, perdurando até os dias atuais.

Esse brevíssimo (e arriscado) histórico acerca da alimentação é da gula nos ajuda a pensar em como o ato de comer e a ingestão excessiva de alimentos tiveram significados distintos ao longo da história. Hoje, além de pecado capital, ela simboliza desregramento, falta de controle, incapacidade, fraqueza moral. As massivas propagandas pela televisão, pelos aplicativos de celular, em nossas caixas de e-mail e nos outdoors das avenidas não deixam dúvidas de que somos bombardeados a cada instante com propagandas que nos fazem acreditar que temos necessidade de consumir. Haja vista que os suculentos hambúrgueres ou pizzas das propagandas de televisão ou dos anúncios do *YouTube* perturbam nosso cérebro a ponto de ficarmos com água na boca, não é mesmo? Em algumas situações, promovem repentinas

mudanças de humor e comportamento, nos fazendo crer na necessidade que temos de consumir imediatamente o produto. Note na figura abaixo a relação afetiva que o marketing digital propõe, filiando a ideia de sabor com a possibilidade da vida se tornar a vida mais aprazível, reavivando as ancestrais tradições do banquete e da comensalidade na lógica individualista e segregadora capitalista, onde a gula adquire novos sentidos.

Figura 2 – apelo midiático para a gula



Fonte: <https://tinyurl.com/2x6a5xtw>

Não é nenhuma novidade que, basta consultar um aplicativo de *fast-food* para, tempos depois, começarmos a receber propagandas de uma compra não realizada. E isso não acontece apenas com comidas, mas com todos os produtos dos sites ou aplicativos de compras. Somos mapeados, monitorados e temos, em certas ocasiões, a nossa privacidade surrupiada em prol de um mercado alienado em vender e estimular o consumo.

É fundamental reconhecermos o poder da indústria midiática que estimula o excesso, e corrobora para que confundamos vaidade com necessidade. Um bom exemplo disso está nas propagandas de tecnologias digitais. Você recém comprou um celular novo para você. Passaram-se menos de três meses e você já cogita trocar de aparelho. Da mesma forma, intenciona mudar o seu fone de

ouvido, o seu relógio digital, a sua televisão, o seu carro etc. Em outras palavras, vivemos em uma sociedade de consumo que estimula o pensamento de **percebibilidade tecnológica**, nos motivando a substituir uma tecnologia adquirida por outra mais recente. Chamaremos aqui esse estado efêmero, transitório de **gula tecnológica**.

Essa gula pelo consumo tecnológico configura um mundo de aparências, do poder da imagem e das mídias em modular a forma como pensamos e agimos. Essas formas excessivas de consumir denotam esse fenômeno de gula social para além do alimentar, realçado pelo alcance da fartura de opções na internet 24 horas por dia, todos os dias da semana, em diferentes regiões do planeta. Além das lojas físicas, as vendas online, por meio de suas ferramentas de marketing, impactam na forma como as pessoas enxergam suas necessidades. Em outras palavras, é a indústria que desenha e planeja seus produtos para atender a “massa populacional”. Mas, será que temos a consciência de que somos impactados por essa indústria que nos monitora e tenta nos fazer reféns dessa gula tecnológica?

A indústria de telefonia, dos canais de *streaming* e dos aplicativos digitais nos apresentam tantos serviços e produtos que, por vezes, nem temos tempo de recusar. Aliás, será que sequer paramos para pensar sobre nossa real necessidade desses produtos?

Ansioso para adquirir um novo aparelho, você aproveita essa nobre paixão até que ... o aparelho não dá mais conta. O antigo se torna obsoleto. Uma imensidão de aplicativos acaba deixando o celular mais lento e você sente a necessidade de comprar um outro aparelho mais moderno. Obter o aparelho novo te seduz, encanta. E o pior de tudo, é a situação dolorosa e exclusiva que as pessoas enfrentam quando lhes é imputada essa pseudonecessidade de possuir as tecnologias mais recentes. Olha a gula tecnológica ganhando terreno novamente! Quase uma paixão inconsciente (ou consciente, há casos) pelo digital.

Figura 3 – O poder sedutor da tecnologia



Fonte: <https://tinyurl.com/yr95xf3k>

O que tangemos acerca da gula tecnológica invade tanto o campo dos produtos quanto o dos serviços. Isso vai desde o desejo de ter um celular novo como a necessidade de possuir um novo eletrodoméstico. Novamente, sucumbimos às artimanhas da indústria midiática e do consumo. Isso faz algum sentido para você? Se identifica com alguma situação destas? Será que você consegue identificar os possíveis impactos dessa indústria nada morosa sobre sua saúde mental e na qualidade de vida das pessoas a sua volta?

Seríamos nós usuários de carteirinha em face dessa agressiva indução velada de “boas opções” para o consumo? Será que a indústria midiática não seria um lobo em pele de cordeiro? Essas são boas questões para levarmos para as escolas, sensibilizando cada vez mais os jovens. Que tal?

Ao longo do texto, nossa intenção foi problematizar algumas situações acerca da gula em seus diferentes aspectos, da alimentar à tecnológica. Não questionamos o livre mercado, mas sim o **consumo tecnológico excessivo** que, pode se tornar agressivo e abusivo. A reflexão, o autoconhecimento e a ponderação para o uso das tecnologias são questões relevantes em nosso cenário educativo atual. Não se trata de proibir o uso das tecnologias e das mídias,

mas em refletir acerca dos usos tóxicos e da gestão de seu uso. Será que precisamos adquirir um produto no momento exato em que surge o desejo? Somos realmente capazes de refletir, ponderar e avaliar - com prudência - se precisamos daquilo de forma imediata? Podemos recusar ou – pelo menos - adiar o consumo? Ou nos resta a única possibilidade de consumir? Conhecer nossas reais necessidades e pensar duas vezes antes de ser fisgado pela propaganda pode ser um bom caminho educativo. Mas, quem de nós não se nunca consumiu... que atire a primeira pedra!

PARA VOCÊ EXPLORAR:

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B6Dh2r0OH3TiM3pYZHM0cXZLMEk/view>.

COELHO, F. J. F.; SILVA, M. L.; SILVA, G. S. **Da gula alimentar à tecnológica: reflexões necessárias.** Texto de apoio do curso Educação sobre Drogas: do alimentar ao digital. Fundação CECIERJ: Rio de Janeiro, 2021.